Aula 6

NOVAS FORMAS DE PENSAR O BRASIL (II)

META

Concluir os estudos sobre os autores considerados os “interpretes do Brasil” dos anos 30 do século XX.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
o aluno deverá entender a contribuição das idéias de Sérgio Buarque de Holanda, ; Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré, para a historiografia brasileira.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura da aula anterior. Destaque para o escritor Gilberto Freyre.

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO

Olá, caros alunos e alunas.

Aqui estamos para nossa habitual roda de conversa. Esta aula é a sequência e conclusão da anterior. Esperamos que tenham apreciado e se sentido estimulados a lerem um dos clássicos da literatura brasileira "*Casa Grande e Senzala*", que segundo Edilberto Coutinho constitui "a história interna do povo brasileiro" contada e descrita pelo pernambucano Gilberto Freyre.

Hoje, nossa aula completará a tríade dos principais "interpretes do Brasil dos anos 30", focalizando Sérgio Buarque de Holanda. Pra quem não sabe, o Sérgio, autor de "*Raízes do Brasil*", "Visões do Paraíso" e "Monções", foi chamado de conservador nos anos 70, por consagrar o homem cordial em Raízes do Brasil. E mais, ele o pai do compositor Chico Buarque.

O autor é Caio Prado Júnior, supomos que, de certa forma, vocês já tenham ouvido este nome em algum lugar. Afinal, por que ler e estudar? Porque ele foi o introdutor melhor dizendo, utilizou o materialismo histórico como método de estudo do passado brasileiro. Traduzindo com outras palavras, significa que ele incluiu as camadas pobres e excluídas nos fatos políticos, disputas e conflitos no século XIX, o que até então não acontecia nos estudos de história.

O terceiro autor é Nelson Werneck Sodré. Ele não está completando a tríade. Entretanto a sua importância e contribuição são tão relevantes que se torna injustificável não incluí-lo como um dos interpretes da história brasileira.

Nelson, é nosso conhecido da primeira aula. É aquele autor que lançou "O que se deve ler para conhecer o Brasil", no mesmo ano do término da 2ª Grande Guerra, ou seja, 1945. Para aguçar mais ainda o interesse de vocês; acrescento que ele um militar, acompanhou de perto as transformações operadas pelos revolucionários de 1930. Após o golpe de 1964 respondeu a cinco IPMS (Inquéritos Policial Militar). Suas obras forma censuradas, sua editora foi perseguida, seus assistentes presos e torturados. Que tal conhecerem o militar com idéias e amplo conhecimento da teoria marxista? Pode parecer estranho, mas tenham certeza, não é.

Vamos lá! Uma boa aula!

SÉRGIO, CAIO E NELSON!

Não há o que contestar. Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré representam o ponto de destaque da historiografia brasileira dos anos 30. Entre eles há pontos em comum, qual sejam, o interesse pelo período colonial, expandindo-se depois para os períodos imperial e republicano. Pouca ligação com a Universidade Brasileira. Por fim, a pesquisa arquival usada como complemento e não como fundamento para elaboração das obras. Dos três, o que lidava mais com arquivo era o Sérgio Buarque.

UM PRECURSOR DA HISTORIOGRAFIA MODERNA

De acordo com Peter Burke, ao se analisar a carreira de Sérgio Buarque de Holanda, tem-se a impressão de que "houve duas carreiras ou até mesmo dois Sérgio", o anterior e o posterior a Raizes do Brasil. Antes de 1936, "tem-se um jovem, precocemente intelectual e articulado envolvido ultimamente mais ao mundo do jornalismo do que no mundo da universidade. Após 1936, o Sérgio acadêmico tornou-se cada vez mais visível, o especialista em história econômica brasileira, e orientador de um grande número de historiadores. (Peter Burke, NAIS, 2002: 3).

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (1902 – 1982)

Sérgio Buarque de Holanda , um dos mais importantes historiadores brasileiros, crítico literário e jornalista.
(Fonte: http://devorador-d6-pecado.blogspot.com.br).

Nascido em São Paulo em 11 de julho de 1902, filho de Cristovão Buarque de Holanda e de Heloísa Buarque de Holanda, Sérgio Buarque de Holanda. Estudou na Escola Modelo Caetano de Campos, onde compôs a Valsa "Vitória Régia", publicada na revista Tico-Tico, e onde foi aluno de Afonso de E. Taunay. Em 1921 mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, onde participou do Movimento Modernista, tendo sido nomeado por Mário e Oswald de Andrade representante da revista Klaxon no Rio de Janeiro. Em 1925, bacharelou-se em Direito pela Universidade do Brasil. Em 1926, transferiu-se para Cachoeira do Itapemirim (Espírito Santo), para dirigir o jornal O Progresso. Neste mesmo ano fundou, juntamente com Prudente de Morais Neto, a

revista Estética. Em 1944, assumiu o cargo de Diretor da Divisão de Consulta da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em 1945, participou da fundação da Esquerda Democrática e viajou para São Paulo a fim de participar do Congresso de Escritores. Foi eleito presidente da seção do Distrito Federal da Associação Brasileira de Escritores. Em São Paulo, no ano de 1946, assumiu o cargo de diretor do Museu Paulista, substituindo seu antigo professor Afonso de E. Taunay. No ano seguinte, assumiu a vaga de professor de História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política, em substituição a Roberto Simonsen. Recebeu diversos prêmios literários, tais como o Prêmio Edgard Cavalheiro do Instituto Nacional do Livro, pela publicação de Caminhos e Fronteiras e o Prêmio Governador do Estado (1967). Em 1969, requereu sua aposentadoria do cargo de catedrático da USP em solidariedade aos colegas afastados de suas funções pelo AI-5. Entre suas obras mais famosas estão Raízes do Brasil (1936), Cobra de Vidro (1944), Caminhos e Fronteiras (1957) e Visão do Paraíso (1959). Faleceu em São Paulo em 24 de abril de 1982.

O LANÇAMENTO DE RAIZES DO BRASIL

Qualquer que seja a época e o seu contexto o lançamento de uma obra desperta a atenção do mundo cultura, ou dito d'outra forma da intelectualidade brasileira. Três anos antes, Gilberto Freyre prefaciador da 1ª edição do *Raízes do Brasil*, usando uma abordagem antropológica lançara Casa Grande e Senzala. O lançamento do livro *Raízes* inaugura a coleção *Documentos Brasileiros*, dirigida por Gilberto Freyre.

Portanto, o lançamento de Raízes do Brasil não foi apenas um acontecimento literário. Representou mais um livro "cuja abordagem divergia do pensamento conservador brasileiro formado com base no positivismo e nas teorias evolucionista e nacionalista.

Dentre outros aspectos, estudos e teses oriundas do final do império "destacava-se aqueles que atribuíam à mistura de raça as razões de nosso atraso como povo e cultura. Por conta dessas e de outras formulações, "os intelectuais, independente da sua origem de classe, da sua formação bacharelesca ou especializada, mantiveram-se ocupados em "pensar o Brasil e em propor caminhos para a salvação nacional" (OLIVEIRA, 1990:187).

E o que Sérgio Buarque e sua obra *Raízes do Brasil* tem a ver com tudo isto? Muito.

1. Inovação da abordagem histórica, rompendo completamente através de uma análise histórico-sociológica as prissões de Varnhagen" com sua história oficial de grandes feitos e instituições portuguesas (VAINFAS, 2002: 5);

2. Para a historiadora Maria Odila Dias, ele tratou de desmistificar a visão oligárquica da historiografia brasileira, que entrevia, por exemplo, na obra de Oliveira Viana (Cf, Reinaldo Damázio, SD: 29).

RAÍZES DO BRASIL E O "HOMEM CORDIAL"

Afinal, por que e como se originou tal conceito? Surgido após a estréia do livro em face da interpretações equivocadas dos críticos de direita e da esquerda, o conceito de "homem cordial" transformou-se "quase que estigma da brasilidade, sermos considerados passivos bondosos, afáveis, portanto, sujeitos bovinamente a desmandos e abusos de poder e autoridade ". (Dama 210, SD:30).

O próprio Sérgio Buarque detestava esta associação grosseira ao *Raízes do Brasil* e Homem Cordial ou em outras palavras "a cordialidade se refere à dificuldade do brasileiro de lidar com questões sociais ou políticas de modo racional e de considerar o público como algo impessoal" (Damazio, p. 29).

RAIMUNDO FAORO COMENTANDO SOBRE SÉRGIO BUARQUE

A respeito dos três intérpretes do Brasil, chama atenção aos estudiosos da historiografia, esta posição distante do Faoro, autor de Os donos do Poder (1958).

> Hoje, quando se fala em Sérgio, se associa a ele Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior (1907-1990), os três interpretes do Brasil. O triptico, a meu ver não é verdadeiro. Sérgio aceita em geral as teses de Casa Grande e Senzala, na tese central, o paternalismo que caracteriza a sociedade brasileira. Há profundas discordâncias em outros pontos, no que diz respeito ao papel d povo e as raízes ibéricas, que um quer cultivar e o outro negar. Caio Prado nada tem a fazer entre os dois, autor de um livro medíocre sobre a formação do Brasil colonial (FAORO, 2000: 2).

Por fim, Faoro comenta sobre a reação de Sérgio declarando que ele próprio (Sérgio) detestava que se associasse "Raízes do Brasil ao homem cardial" uma intencional e comum caricatura maldosa."

CAIO PRADO JUNIOR

Caio Prado Júnior . Pensador, político e editor paulista (11/7/1907-23/11/1990). Um dos primeiros a analisar a história do Brasil pelo marxismo. Nasce em São Paulo e é um dos fundadores do Partido Democrático (1926). Em 1929 é delegado do partido na convenção da Aliança Liberal que indica Getúlio Vargas candidato a presidente.
(Fonte: http://www.algosobre.com.br).

Integra-se em 1930 à Aliança Nacional Libertadora, sendo presidente da seção paulista. Após o levante comunista de 1935, fica preso por dois anos. Deixa o país durante o Estado Novo e retorna em 1939. Deputado estadual em São Paulo pelo Partido Comunista Brasileiro, em 1948 tem o mandato cassado com a extinção da legenda.
Funda a Editora Brasiliense e, de 1955 a 1964, edita a Revista Brasiliense. Em 1970 tem os direitos políticos cassados pelo Regime Militar de 1964. Como pensador, trata de história, geografia, sociologia, economia, política e filosofia. Entre suas principais obras estão Formação do Brasil Contemporâneo (1942) e A Revolução Brasileira (1966). Morre em São Paulo.

CONHECENDO CAIO PRADO

Quando Capistrano de Abreu, em 1907, realizava a publicação de *Capítulos de História Colonial*, nascia, em São Paulo, em 11 de novembro, Caio Prado Júnior.

Ingressou em 1924 na Faculdade de Direito, porém tem formação superior também em Geografia. Tem um perfil intelectual multifacetado: historiador, economista, geógrafo e filósofo. Outro aspecto que chama a atenção da sua vida pessoal é a sua origem aristocrática: “saiu de uma família cafeicultora paulista para se tornar o intelectual orgânico do movimento operário brasileiro! Sua vida é marcada pela ruptura de classe. [...] Aristocrata,

passou a lutar por igualdade e liberdade além dos limites do liberalismo, além do mundo burguês. [...] caio Prado saiu da alta tradição, do passado colonial, para a revolução socialista, para o futuro: eis a dimensão do seu salto, que até sugere a impressão de um "suicídio simbólico", tamanha a altura ou a distancia da mudança de posição. (REIS, 1999: 173-174).

Não resta dúvida de que essa mudança de posição é radical demais. Nada se deu por acaso. Como alguém bem-nascido, abandona tudo para abraçar a causa socialista, e ser um comunista?

Caio Prado foi um intelectual militante. Antes de ingressar no PCB (1931), esteve envolvido, como político, com o Partido Democrático e com as revoluções de 1930 e 1932.

Fruto de sua atividade intelectual e militante ele lança a *Evolução Política do Brasil* (1933). Nesta obra, ele ressalta o caráter mercantil da colonização portuguesa introduzindo a idéia de uma colônia de exploração ligada a metrópole. Neste seu estudo, ele olha o Brasil Colônia de forma diferente das obras de história até então produzidas, uma vez que "deslocou o foco da análise histórica para a ação política das camadas populares". (C.f. Batista Jr: 35).

OBRA DE REFERÊNCIA

Nas últimas duas décadas do século XX, expressões como novos temas, novas abordagens e novos objetos tornaram-se corriqueiras, dizendo de outra maneira, ganharam dimensão e aplicabilidade. Porém, falar em romper com abordagens tradicionais à época do historiador. Caio Prado, repercutia como uma verdadeira revolução.

1942 – Lançamento de sua obra mais importante: FORMAÇÃO DO BRASIL CONTEMPORÂNEO: COLÔNIA. Uma leitura indispensável para qualquer pessoa interessada em conhecer e refletir o Brasil.

Recomenda-se a você, caro estudante, especial atenção para o capítulo "Sentido da Colonização". É interessante porque Caio Prado define o "sentido agroexportador da colônia identificando-a como um organismo social direcionado à produção para o mercado europeu". (BATISTA JR: 38).

Certamente, era uma nova possibilidade interpretativa, uma nova abordagem. A história social e econômica brasileira é vista sob uma nova perspectiva até então desconhecida.

POR QUE LER CAIO PRADO?

Além das obras acima citadas, ele escreveu: *História Econômica do Brasil (1945), Dialética do Conhecimento (1952) A Revolução Brasileira (1966).* Suas obras tornaram-se clássicos, servindo de inspiração e incentivo para historiador como Fernando Novaes e o economista Celso Furtado, especialmente no

que se refere a tudo do Brasil Colônia e da sociedade brasileira.

Ao lado de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque ele integra a tríade de intelectuais dedicados a pensar os elementos formadores da sociedade brasileira, denominando-se "Geração de 1930".

NELSON WERNECK SODRÉ

Nelson Werneck Sodré Historiador, Sociólogo, militar e jornalista (Fonte: http://www.ihgb.org.br).

Nelson Werneck Sodré nasceu no dia 27 de abril 1911, no Rio de Janeiro, filho de Heitor de Abreu Sodré e Amélia Werneck Sodré.
Cursou a Escola Militar do Realengo de 1931 a 1933. No ano seguinte, foi destacado para o 4o Regimento de Artilharia Montada, em Itu (SP). Nesse período, escrevia para o Correio Paulistano duas vezes por semana e começava a despontar como escritor. Após a decretação do Estado Novo (10/11/1937), tornou-se ajudante-de-ordens do general José Pessoa, designado comandante da 9ª Região Militar, em Mato Grosso, em março de 1938. Foi nessa ocasião, quando o Exército foi chamado a intervir em conflitos de terra entre grandes proprietários e agricultores pobres naquele estado brasileiro, que Sodré teria iniciado a sua rotação à esquerda, na direção do marxismo.
Ainda em 1938, publicou seu primeiro grande livro, História da literatura brasileira, uma análise das questões literárias a partir de das relações de propriedade e dos conflitos sociais. No início dos anos 1940, amigo pessoal de Graciliano Ramos, Jorge Amado e vários expoentes da literatura no período, já teria ingressado no Partido

Comunista Brasileiro (PCB), então Partido Comunista do Brasil. Em 1944, iniciou o curso da Escola de Comando e Estado- Maior, concluindo-o em 1946. No ano seguinte, começou a lecionar na Escola, onde permaneceu até 1950 como chefe do Curso de História Militar. Em maio de 1950, as eleições para a direção do Clube Militar foram ganhas pela chapa nacionalista, liderada pelos generais Newton Estillac Leal e Júlio Caetano Horta Barbosa. Participante entusiasmado da campanha nacionalista "O Petróleo é Nosso", Nelson Werneck Sodré foi convidado para dirigir o Departamento Cultural do Clube. Em represália, devido às sua posições políticas, foi transferido da Escola de Comando e Estado-Maior para o 5o Regimento de Artilharia, em Cruz Alta (RS), onde permaneceu durante quase cinco anos. Em 1956, de volta ao Rio, começou a colaborar com o vespertino Última Hora, onde escrevia a seção literária e os editoriais. Nesse período, passou a integrar a Comissão Diretora da Biblioteca do Exército e a colaborar com o jornal nacionalista O Semanário. Também foi, em 1955, que iniciou suas atividades como professor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), instituição que contava com a desaprovação dos militares conservadores.

Após a renúncia do presidente Jânio Quadros (25/08/1961), apoiou a posse do seu sucessor legal, o vice-presidente João Goulart, que fora vetada pelos ministros militares. Por conta disso, foi preso e interrogado durante dez dias e destacado, contra a sua vontade, para servir em Belém. Insatisfeito, passou à reserva no início de 1962 n a patente de general, pois possuía o curso de Estado-Maior.

Desde então, entregou-se totalmente à atividade intelectual de escritor e ao exercício do magistério no ISEB, onde passou a chefiar o Departamento de História. Foi nesse período que desenvolveu o único trabalho em parceria de sua carreira, História nova do Brasil. Após a deposição do presidente Goulart (31/03/1964) pelos militares, teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Refugiado em uma fazenda de parentes em Fernandópolis (SP), foi preso no dia 26 de maio e enviado ao Rio de Janeiro, onde ficou detido durante 57 dias. Como o regime militar havia tirado de Nelson Werneck Sodré o direito de ensinar, sua atividade passou a ser exclusivamente o estudo e a produção de novos livros. Um dos trabalhos em que continuou se empenhando foi História militar do Brasil, editado pela primeira vez em 1965. A última contribuição, e também sua 58a obra, foi publicada em 1995: A farsa do neoliberalismo. Faleceu em Itu no dia 13 de janeiro de 1999.

NELSON W. SODRÉ: UM MILITAR MARXISTA

Leitor voraz e desordenado, como declarou em suas *Memórias de um Escritor* (1970), Nelson Sodré nasceu em 27 de abril de 1911, no estado do Rio de Janeiro e faleceu em 1999, aos 87 anos, em Itú, no estado de São Paulo.

Nelson não integra a tríade de intelectuais que vimos comentando até agora. Todavia nem por isso deixa de ser o intelectual brilhante que muito contribuiu para a renovação e reavaliação dos estudos da História do Brasil.

Quem foi este personagem que publicou 58 livros; deixou milhares de artigos espalhados em jornais e periódicos acadêmicos?

Quando era fundado o Partido Comunista no Brasil (PCB), Nelson estava estudando no Ginásio brasileiro. Dois anos depois ingressava no Colégio Militar, mesmo não sendo oriundo de família com tradições militares. E no Colégio Militar que através do professor Isnardo Dantas Barreto ê as obras de Lima Barreto e alguns autores marxistas. Em 1933, quando Caio Prado publicava A evolução política do Brasil, Nelson Werneck formava-se como oficial de artilharia da Escola Militar. Em 1938, lançou seu primeiro livro, *História da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos.* Daí em diante escreve e publica de forma intensiva.

Segundo José Carlos Reis ,

> ser militar e comunista não é nada incompatível, embora, depois de 1964, os militares brasileiros se tenham tornado a expressão mais feroz do anticomunismo". [...] Após a derrota de 1964, apesar de ele ter sido perseguido pelos golpistas, as esquerdas, obrigadas a se rever e a se recompor, o tornaram como o símbolo do pensamento do PCB que o conduzira a derrota. Sua interpretação do Brasil, sua teoria da revolução brasileira, tinha-as levado à derrota. (REIS, 1999: 146).

Independente das acusações, ataques e críticas, inegavelmente Nelson W. Sodré é o teórico marxista mais importante dos anos 50, mesmo não sendo o único historiador marxista importante. Nos anos 50, estava na ordem do dia o debate sobre a estrutura agrária brasileira. O debate mais histórico do que político tinha a tese feudal como predominante.

Autores marxistas pelos anos 1960 (Guido Mantega, Fernando Henrique Cardoso e Ciro Cardoso) rejeitam a tese feudal para o Brasil, o que por conseqüência invalidam a análise de Sodré tanto no seu aspecto histórico quanto a sua proposta revolucionária.

O QUE SE DEVE LER PARA CONHECER NELSON WERNECK SODRÉ

Leu e escreveu de forma intensiva. Escreveu sobre a história da literatura brasileira, sobre a história da imprensa brasileira, sobre a história

militar do Brasil, sobremodo acerca da história brasileira. Vale a pena conferir: Introdução à Revolução Brasileira (1958), Formação Histórica do Brasil (1962), As Raízes da Independência (1965) e História da Burguesia Brasileira (1964).

De tudo que foi dito e escrito a respeito de Nelson Sodré, ficamos com o comentário de André Gaio:

Não temos dúvidas de que sua obra padeceu de deficiências, algumas graves, e que seus livros tem valor diferenciado, mas suas contribuições devem ser encaradas como hipóteses importantes para ainda iluminar muitas pesquisas sobre o Brasil, sua sociedade e sua história (Gaio, 2004: 113).

CONCLUSÃO

Querido/querida aluno/aluna, vimos, nesta aula, alguns aspectos fundamentais sobre Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Nelson Sodré. Destaque para os pontos convergentes e divergentes entre eles.

Nos anos 1930, a realidade brasileira tornou-se questão-chave das conversas, debates e encontros da intelectualidade. Todos querem pensar e decifrar o enigma do Brasil e apresentar soluções para seu futuro.

O livro *Raízes do Brasil* abriu e orientou um debate fecundo sobre o passado e o futuro do Brasil. (referência teórica para a historiografia). Nelson Werneck, embora não fosse o único historiador marxista de destaque, é o teórico marxista mais importante dos anos de 1950. Quanto a Caio Prado, o intelectual militante, é considerado como autor de ruptura, precursor da primeira análise fundamentada no materialismo histórico.

RESUMO

Inovador em sua abordagem histórica e social Sérgio Buarque constrói uma nova visão da realidade do país ao refletir sobre a “Cordialidade brasileira”. Enquanto isto, Caio Prado Júnior introduz o materialismo dialético em seu estudo para explicar o país a partir de sua formação fundamentada “no sentido da colonização". Sem ser integrante da tríade, pertencente a “Geração de 1930”, Nelson Sodré foi um operoso historiador que também se dedicou à crítica literária e ao materialismo dialético,. Enfim, um personagem multifacetado.

ATIVIDADES

1. Procure ler trechos do livro Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, produza um texto de uma lauda (1 página) manifestando seu ponto de vista sobre o autor.
2. Desenvolva uma pesquisa na internet, orientada pelo seu tutor à distância, para completar e ou descobrir novos fatos sobre os autores Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Visando a completar e fixar o conhecimento sobre a geração intelectual dos anos 30, o aluno deverá responder os exercícios sobre Sérgio Buarque, Caio Prado e Nelson Werneck Sodré.

PRÓXIMA AULA

Revisionismo e inovações anos 70 e 80

REFERÊNCIAS

REIS, José Carlos, op cit. 1999.

BATISTA JR, Roberto. A interpretação marxista aplicada ao caso brasileiro. IN:n **Revista Entre Livros** s/data.

BURKE, Peter. A História Total. IN: in **MAIS1** Encarte do Jornal da Cidade de 23 de janeiro de 2002.

DAMAZIO, Reynaldo. **Uma reflexão decisiva sobre o homem cordial.** In Revista Entre Livros s/d p.g 29.

FAORO, Raimundo. Mestre Sérgio. In: **encarte MAIS**, Encarte do Jornal da cidade de 23 de junho de 2002, pg. 2.

GAIO, André Moysés. Modernismo e ensaio histórico. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção questões de nossa época, v. 112).

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. na **A questão Nacional primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

REIS, José Carlos. As identidades do Brasil.: De Varnhagen a FHC. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. **Gilberto e Sérgio**, MAIS (Encarte) do Jornal da Cidade de 23 de junho de 2002.